

O ENTORNO QUE NÃO VAI: UM ESTUDO DE CASO DO NÃO-PÚBLICO DE UM MUSEU DE CIÊNCIAS NO RIO DE JANEIRO

THE SURROUNDING THAT WILL NOT GO: A CASE STUDY OF NON-PUBLIC OF A SCIENCE MUSEUM IN RIO DE JANEIRO

Livia Mascarenhas de Paula¹, Grazielle Rodrigues Pereira², Lilian Mascarenhas de Paula³, Robson Coutinho Silva⁴

¹Instituto Oswaldo Cruz – IOC/FIOCRUZ / Espaço Ciência Viva – ECV, liviampcunha@gmail.com

²Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro / Espaço Ciência InterAtiva do IFRJ, grazielle.pereira@ifrj.edu.br

³Espaço Ciência InterAtiva do IFRJ, lilian.mascarenhas7@gmail.com

⁴Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ / Espaço Ciência Viva – ECV, rcsilva@biof.ufrj.br

RESUMO

Os museus e centros de ciências, enquanto locais de educação não formal e voltados para a divulgação da ciência têm desenvolvido diferentes metodologias e ferramentas que buscam a interlocução entre a produção científica da academia e a população. Nesse sentido, tendo em vista a sua função social, na presente pesquisa buscamos investigar se a comunidade do entorno de um determinado museu de ciências, localizado na cidade do Rio de Janeiro, tem como hábito visitar tal espaço, bem como de que forma se apropria desse local. Com isso, por meio de um estudo de caso e norteados pelos padrões da pesquisa qualitativa, utilizamos para a coleta de dados questionários e entrevistas semiestruturadas. Os resultados da pesquisa apontaram que a população residente do entorno não visita o museu em questão, assim como não o faz por desconhecer as atividades que são oferecidas, ou mesmo ignoram o que é um museu de ciências. Desta maneira, salientamos a necessidade de os museus de ciências buscarem novas estratégias de divulgações de suas ações e atividades, de modo a tornar este “não público” em público visitante, evidenciando ainda para a sociedade as suas potencialidades e diferentes possibilidades de educação e lazer.

Palavras-chave: museus e centros de ciências, popularização da ciência e da tecnologia, estudos de público em museus.

ABSTRACT

Museums and science centers as non-formal education spaces and focused on the dissemination of science have developed different methodologies and tools to seek dialogue between the scientific production of the academy and the public. In this sense, taking into consideration its social function, in this study we sought to investigate whether the community around a science museum, located in the city of Rio de Janeiro has a habit of visiting this space, and how appropriates this local. The research results showed that the resident of the surrounding population does not visit the museum in question, as does by ignoring the activities that are not offered, or even ignore what is a science museum. In this way, we emphasize the need for science museum new strategies disclosures of their actions and activities in order to make this "non-public" in visiting public, showing yet for the society to its potential and different possibilities for education and leisure.

Key words: museum and Science centers, Science communication, public studies.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade onde a ciência e a tecnologia permeiam a vida cotidiana. Não somente nas grandes indústrias e laboratórios de pesquisa, mas também nos alimentos que consumimos, nas roupas que vestimos, nos aparelhos eletrônicos que usamos, entre diversas outras coisas, a ciência encontra-se presente no dia a dia das pessoas. Desta maneira, o conhecimento acerca da ciência, da tecnologia e de suas interfaces torna-se necessário para que as decisões de cunho social e individual possam ser tomadas de forma consciente.

Segundo Albagli (1996, p.396): “A afirmação social da ciência e da tecnologia no mundo contemporâneo - sua importância estratégica nas estruturas política, econômica e cultural vigentes - recoloca, em um novo patamar, a relação entre ciência, poder e sociedade”.

Com isso, nota-se a importância do conhecimento científico para o pleno exercício da cidadania (CHASSOT, 2006, SANT’ANNA et al, 2006) e este deve estar em constante processo de atualização, dadas as diversas transformações que a ciência sofre a cada dia. Segundo Cazelli, Marandino e Studart (2003, p.83):

O desenvolvimento científico e tecnológico, a modernização da sociedade e a redefinição do tempo e do espaço social operada pela globalização impõem novas exigências educacionais, com repercussões tanto na interface da educação com o mundo do trabalho, quanto da educação com o exercício da cidadania.

No entanto, apesar da evidente importância do conhecimento científico para o aumento na qualidade de vida, por vezes, as pessoas não têm condições de “ler” o mundo através das ferramentas que a ciência dispõe e, em consequência disto, podem ser levadas a tomar decisões inadequadas do ponto de vista científico. Como exemplos temos o uso de antibióticos sem prescrição médica, a realização de instalações elétricas perigosas ou ainda, não ter condições de se posicionar frente a debates políticos que tratem de temas relacionados à ciência e à tecnologia.

Albagli (1996) argumenta que, por conta das frequentes descobertas e novas discussões, no âmbito da ciência e da tecnologia:

[...] a escola não é capaz de prover toda a educação e a informação científica requerida pelo cidadão, ao longo da vida, na busca de acompanhar as rápidas transformações técnico-científicas, em nível mundial, e de participar nas decisões relacionadas ou influenciadas pela ciência. Hoje em dia, ainda que não intencionalmente, adultos e crianças são expostos e estão em contato com

diferentes outras fontes de informação científica fora da escola. (ALBAGLI, 1996, p.402).

Desta maneira, ações de divulgação e popularização da ciência são essenciais para que as pessoas possam ter acesso constante às discussões em torno da ciência e da tecnologia e a maneira pela qual elas funcionam. Diante desse cenário, Paula (2013, p.05) em seu trabalho salienta a necessidade de: “[...] se divulgar a ciência, seus resultados, consequências e controvérsias, com o objetivo de levar o conhecimento científico de forma clara e de fácil entendimento, em especial àqueles que não possuem contato direto com a ciência institucionalizada”.

Um dos espaços onde a divulgação da ciência pode ocorrer são os Museus e Centros de Ciências. Estes são instituições de educação não formal que tem por objetivo divulgar e popularizar a ciência de forma lúdica e de fácil entendimento. Neste sentido, Albagli (1996, p.397) afirma que: “A divulgação científica é uma prática social que vem sendo cada vez mais ampliada e desenvolvida e, nesse aspecto, os museus ganham destaque como locais de comunicação e de educação não-formal”.

Os museus e centros de ciências vêm desenvolvendo atividades que buscam promover a interface entre a ciência e o público, promovendo diversas atividades para diferentes tipos de públicos, com o intuito de aproximar a ciência do cidadão.

No entanto, Paula (2013) aponta ainda que: “[...] apesar das ações que tais espaços vêm desenvolvendo nos últimos anos, o acesso a estes aparelhos culturais no Brasil ainda é pequeno e restrito e, portanto, a frequência a estes espaços é baixa”. Diversos são os fatores que podem influenciar neste cenário. A formação cultural da população e a baixa oferta de museus e centros de ciências podem ser descritos como alguns deles. Segundo Moreira e Massarani (2002, p.61): “o número, o porte e a oferta limitados às condições econômicas e educacionais gerais, além de uma frágil tradição cultural nesse contexto, explicam essa baixa frequência aos museus brasileiros”. Comparativamente, Moreira e Massarani (2002, p.61) demonstram que:

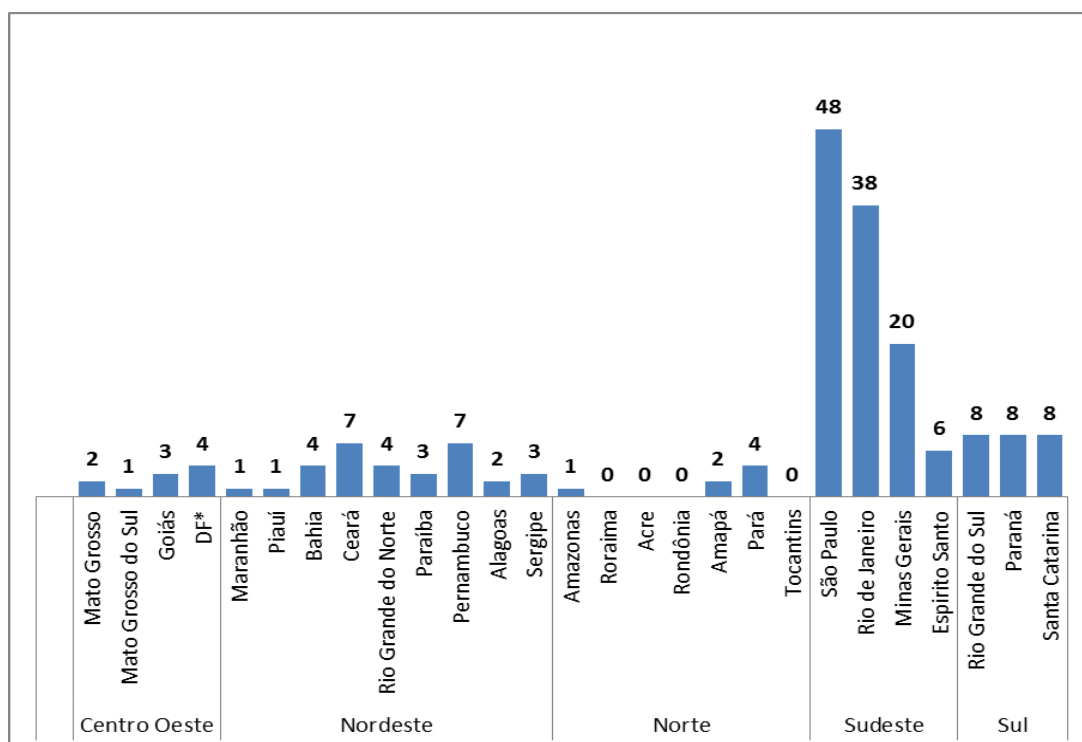
Apesar do crescimento expressivo dos últimos anos, um número muito pequeno de brasileiros, cerca de 1,5 milhão (menos de 1% da população) visitam algum centro ou museu desse tipo a cada ano. Para fins comparativos, a visitação a museus em alguns países europeus atinge, em alguns lugares, 25% da população.

Em um estudo realizado por Pereira, Soares e Coutinho-Silva (2011), buscou-se verificar qual o nível de conhecimento e relacionamento que os docentes das redes públicas e privadas da região da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro possuíam com

os museus ou centros de ciências. Para tanto, foi evidenciado um grande desconhecimento dos sujeitos da pesquisa com relação a esses espaços de educação não formal. A partir dos dados obtidos, os pesquisadores identificaram que 83% dos participantes demonstraram não conhecer as ações e propostas destes espaços de divulgação científica. Quando os docentes, sujeitos do estudo, foram questionados se já haviam visitado algum museu ou centro de ciências, observou-se que 29% da amostra, nunca entrou em tais espaços (PEREIRA, SOARES e COUTINHO-SILVA, 2011, p. 102-103). Ou seja, embora as ações propostas pelos museus e centro de ciências tenham como foco a socialização do conhecimento, ainda há um grande desconhecimento de tais espaços por parte da população.

Outro aspecto relevante ao se discutir a visitação aos museus e centros de ciências, relaciona-se à distribuição destes espaços pelas regiões do país e cidades de cada Estado. Diante desse contexto, por meio do Gráfico 1 também se observa a disparidade na distribuição dos centros e museus de ciências pelas regiões do país.

Gráfico 1- Distribuição de museus e centros de ciências por região no Brasil



Fonte: Dados do autor. Gráfico montado a partir dos dados disponibilizados no guia de Centros e Museus de Ciências do Brasil (2015).

Sobre esse aspecto, Paula (2013, p.14) tece as seguintes considerações:

Apesar de haver no Brasil um cenário de crescimento no que diz respeito à criação de museus e centros de ciências, estes espaços ainda se distribuem de forma desigual pelas regiões do Brasil. Isto pode explicar a tradição de não

ocupação dos museus e centros de ciências pela população e consequentemente, a baixa visitação a estes espaços.

Neste cenário de não visitação e apropriação das pessoas aos centros e museus de ciências, surgem iniciativas dos próprios espaços que buscam atrair o público para dentro de seus museus com o intuito de apresentar-lhes suas atividades.

Uma das ações realizadas pelos espaços museais que subsidiam estas ações de “busca” ao público são os estudos de público, nos quais visam conhecer cada vez mais os visitantes e os possíveis visitantes de seu espaço.

1.1. OS ESTUDOS DE PÚBLICO

“Não há museu sem público – e representação sobre estes”
(KÖPTCKE, 2012, p.214)

Diversos são os trabalhos que salientam a importância de se estudar o público dos centros e museus de ciências, com vistas a entender quem é este público, de onde ele vem e de que forma se apropria do espaço do museu. Neste sentido, conhecer o público que frequenta o museu é fundamental para que se ampliem as possibilidades de melhor atendê-lo (SANT’ANNA et al, 2006).

Conforme o Estatuto de Museus¹: “Os museus deverão promover estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas objetivando a progressiva melhoria da qualidade de seu funcionamento e o atendimento às necessidades dos visitantes” (2009, Art.28, §2º).

Para Köptcke e Pereira (2010, p.813) “O interesse em conhecer ou sistematizar a reflexão sobre os públicos dos museus está estreitamente relacionado às expectativas da sociedade quanto à missão de tais instituições”. Ou seja, conforme Paula sublinha (2013, p. 15-16): “[...] estes estudos contribuem não somente para que o museu conheça quem o visita, mas também para que este possa verificar se suas propostas estão atendendo as expectativas da sociedade”.

Köptcke (2012) nos auxilia a definir os estudos de público como:

[...] processos de obtenção de conhecimento sistemático sobre os visitantes de museus, atuais ou **potenciais**, com o propósito de empregar o dito conhecimento na planificação e pôr em marcha atividades relacionadas com os distintos grupos de visitantes. (KÖPTCKE 2012, p. 215-216, grifo nosso.)

¹ Estatuto de Museus - LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009.

Desta forma, Carvalho (2005, p.25) salienta que: “Os museus descobriram que podem planejar melhor sua programação e direcionar adequadamente sua divulgação se conhecerem mais a fundo o seu visitante”. E neste sentido, é possível criar estratégias para atrair as pessoas que ainda não os visitam.

No entanto, um tipo de público que por vezes não é observado, são aqueles que não visitam os espaços museais. Este grupo é composto por pessoas que não se apropriam do espaço, seja por desconhecimento ou por falta de interesse. Comumente, estes se encontram no entorno do próprio museu e desconhecem as atividades que ali são ofertadas. Nesse sentido, a equipe de Coordenação de Pesquisa e Inovação Museal²(2012, p.03) tece as seguintes considerações:

O estar na cidade e a proximidade de aparelhos culturais, como os museus, não promovem universalmente sua apropriação. Variáveis como nível de renda, escolarização, condições de moradia, gênero, capital cultural, situação geracional, entre outros, representam aspectos importantes para compreendermos as formas distintas de uso e apropriação dos espaços e práticas culturais. (grifo nosso).

A estes definiremos na presente pesquisa como o “não-público”, ou seja, aqueles que, apesar de estarem próximos ao museu, não o frequentam, seguindo a definição apresentada pelo CEPIM (2012, p.02):

[...] o uso da categoria “não público” em nossa pesquisa engloba tanto os segmentos sociais que são potencialmente público dos museus, como aqueles que não possuem nenhum interesse neles. Portanto, “não público” na presente pesquisa é mais um conceito heurístico, um guia para identificar aqueles indivíduos, segmentos sociais que não frequentam museus.

Dentro deste cenário, são de fundamental importância pesquisas que busquem verificar quem é este “não-público” e quais são as possibilidades de atraí-lo ao espaço museal.

2. OBJETIVOS

Tendo em vista a necessidade dos estudos de público em museus e centros de ciência, a presente pesquisa teve por objetivo reconhecer o entorno do museu estudado: o Espaço Ciência Viva, localizado na cidade do Rio de Janeiro, e verificar quais as relações que este estabelecia com o espaço de divulgação científica em questão.

² COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO MUSEAL (CPIM).

3. MÉTODOS

A pesquisa norteou-se por um padrão da abordagem qualitativa (LUDKE E ANDRE, 2004; MINAYO, 2011), analisada a partir de dados mensurados. Nela buscamos verificar por meio de questionários e entrevistas, quais as relações que o público do entorno do museu estudado estabelecia com o espaço de ciências. Desta maneira, configura-se também como um estudo de caso, onde buscamos aprofundar o conhecimento de uma situação particular, neste caso, o entorno do Espaço Ciência Viva.

Para verificar o relacionamento do museu de ciências com a sua comunidade do entorno, foram aplicados questionários compostos de perguntas abertas e fechadas, bem como uma entrevista semiestruturada à população do entorno do museu, com o intuito de verificar se estes conheciam ou não o espaço, se conheciam outros museus, se visitavam ou não e por quê.

Baseado nos estudos de Lima, Almeida e Lima (1999, p.133), optamos pela entrevista semiestruturada, uma vez que com esse método: “[...] o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal proposto pelo pesquisador; ao mesmo tempo que permite respostas livres e espontâneas do informante, valoriza a atuação do entrevistador”.

Essa metodologia é bastante útil, pois dá ao pesquisador a possibilidade de ir adequando as próximas perguntas mediante ao que o entrevistado já respondeu, para que as respostas sejam mais dinâmicas e menos repetitivas. Esse fator foi de extrema importância em nossa pesquisa, pois abordávamos pessoas que estavam passando nos locais escolhidos para a coleta de dados.

Importa ressaltar que os dados da presente pesquisa fazem parte da dissertação de mestrado da primeira autora.

Com o intuito de verificar quais as relações que as pessoas do entorno do museu estudado têm estabelecido com ele, elaboramos um questionário composto de questões fechadas com múltiplas alternativas e única resposta; questões fechadas com múltiplas alternativas e múltiplas respostas, assim como questões abertas. Por meio da entrevista semiestruturada, buscamos entender mais a respeito das concepções e relações que estes tinham e estabeleciam com o museu, as indagações referentes a entrevista semiestruturada foram feitas a partir das perguntas do próprio questionário, com o intuito de complementar as informações. Todas as respostas dadas à entrevista foram anotadas pelos pesquisadores.

Os sujeitos foram escolhidos aleatoriamente, sem preferência por sexo. Quanto à idade, buscamos indivíduos que aparentavam ter mais de 15 anos (informação essa confirmada durante a abordagem). A aplicação dos questionários e as entrevistas foram realizadas em quatro locais do bairro da Tijuca: Praça Saens Peña e no comércio do entorno da Praça (200 metros do museu), no Shopping Tijuca e no comércio do entorno do Shopping (500 a 600 metros do museu). Buscamos estes espaços para a realização da pesquisa, pois, além destes serem próximos ao museu estudado, todos possuem grande circulação de pessoas de faixa etária, sexo e condição social diversificados.

Abordamos um total de 92 pessoas nos espaços supracitados, no entanto, como buscamos restringir a amostra àqueles que residiam na região da Tijuca e adjacências, consideramos apenas os questionários e entrevistas com aqueles que moravam nestes locais, o que resultou num total de 29 entrevistados.

3.1. O MUSEU ESTUDADO

Para a presente pesquisa, investigamos o Espaço Ciência Viva (ECV), que é um museu de ciências localizado no bairro da Tijuca, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Considerado o primeiro museu participativo de ciências do Estado do Rio de Janeiro, foi fundado em 1982 por um grupo de cientistas, educadores e pesquisadores que tinham por objetivo aproximar a ciências do cidadão. (KURTENBACH, PERSECHINI e COUTINHO-SILVA, 2004).

Segundo Kurtenbach, Persechini e Coutinho-Silva (2004, p.147): “O objetivo geral da instituição sempre foi o de divulgar e desmistificar a ciência, tornando-a acessível ao senso-comum [...]”. Portanto, para atingir este objetivo, desde o início de suas atividades, o ECV busca levar a ciência à população de forma lúdica e criativa.

Logo na entrada pode-se observar uma placa que exprime toda a proposta do museu de interação pautada na experimentação, com os seguintes dizeres: “Por favor, mexa em tudo, mas com carinho”.

O ECV desenvolve diversas atividades lúdicas e interativas através das oficinas e da exposição permanente constituída de módulos experimentais temáticos relacionados à física, matemática, biologia, astronomia, percepção, educação ambiental e sexualidade. Oferece ainda ao visitante as “Noites da Ciência”, ou seja, são as observações do céu noturnas com o Grupo de Astronomia, atividades dos “Sábado da Ciência”, além de programas formativos específicos como o curso de capacitação de

mediadores e o Curso de Formação Continuada de Professores em Ciências Naturais. O museu anualmente também promove atividades durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia para a população.

As visitas escolares e de grupos agendados durante a semana ocorrem no horário de 09h às 16h. As Noites da Ciência (reuniões do grupo de astronomia) ocorrem às quartas-feiras, semanalmente, a partir das 19h e tem sua entrada gratuita.

A atividade “Sábado da Ciência” ocorre todo último sábado de cada mês, das 14h às 18h, sempre com uma temática diferente e entrada gratuita. O Espaço chega a receber cerca de 400 pessoas por sábado.

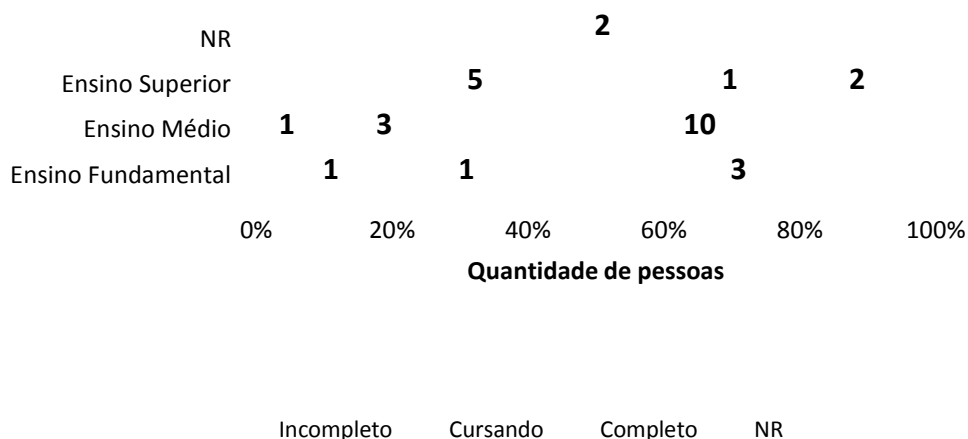
A divulgação das atividades oferecidas pelo museu se dá através do site institucional, das redes sociais (*facebook* e *twitter*), bem como de panfletos e cartazes distribuídos nas escolas da região, em algumas Universidades e em parceria com uma das empresas de transporte público do Rio de Janeiro, o Metrô Rio que disponibiliza, sempre que possível, um espaço em seus quadros de utilidade pública nas estações de metrô da cidade do Rio de Janeiro.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise dos 29 questionários e entrevistas, caracterizamos o perfil da amostra. Com isso, identificamos que a idade de 11 dos participantes era de 51 anos ou mais, seguido daqueles que tinham entre 31 e 50 anos, com oito respostas. Quanto ao sexo, 15 pessoas eram do sexo feminino, 10 eram do sexo masculino, enquanto sete não responderam a essa questão. Com relação à nacionalidade, 21 pessoas afirmaram serem brasileiros, ao passo que sete não responderam e uma afirmou ser estrangeira.

No que tange ao grau de escolaridade (Gráfico 2), percebemos que a maior parte dos sujeitos possuía o Ensino Médio Completo (10 pessoas), seguido de cinco pessoas que possuíam o Ensino Superior incompleto, um entrevistado estava cursando o Ensino Fundamental e outro cursando o Ensino Médio. Identificamos ainda que uma pessoa ainda cursava o Ensino Fundamental e outra cursava o Ensino Médio.

Gráfico 2 - Grau de escolaridade dos sujeitos pesquisados – n=29



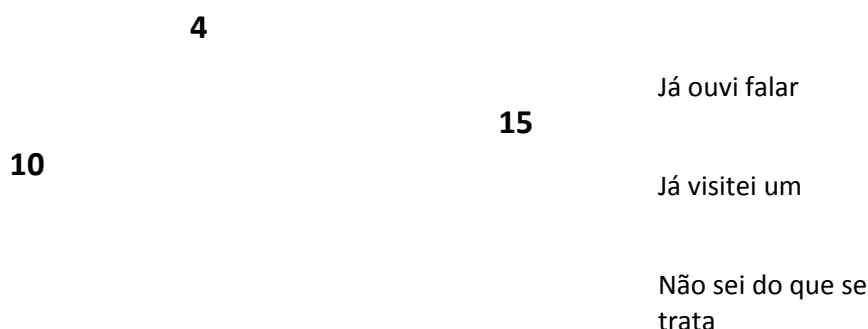
Fonte: Dados do autor

Verificamos também quais as profissões que essas pessoas exerciam e obtivemos as seguintes respostas: Cinco aposentados, três técnicos em Enfermagem, uma professora, uma pedagoga, duas pessoas envolvidas com administração, um porteiro, uma artesã e uma artista plástica, quatro vendedores e uma gerente de loja, um empresário, dois estudantes e um guarda de endemias. Cinco pessoas não responderam a essa questão.

Com o intuito de verificar o conhecimento acerca de museus de ciências, questionamos se estes tinham alguma informação ou opinião sobre tais espaços de divulgação da ciência (Gráfico 3). Quinze pessoas disseram que já havia ouvido falar a respeito de um museu de ciências, 10 disseram já ter visitado algum e quatro disseram não saber do que se tratava. Durante as entrevistas percebemos que mesmo os que afirmaram saber do que se tratava, confundiram estes espaços com os demais espaços de cultura, como museus históricos e centros culturais, além de muitos perguntarem se o Museu Nacional da UFRJ ³(chamado por praticamente todos de “Museu da Quinta”) era realmente um museu de ciências. Notamos, portanto, um alto grau de desconhecimento acerca dos museus de ciências pela população estudada.

³ “O Museu Nacional é uma das mais antigas e tradicionais instituições nos campos científico, cultural e educacional do Brasil, e um dos maiores museus de história natural e antropológica da América Latina. Foi criado por Decreto Real, em 06 de junho de 1818, por D. João VI, com a missão de atender aos interesses de promoção do progresso cultural e econômico no país” (FRENKEL, 2012, p. 22). O museu está localizado no Parque da Quinta da Boa Vista, no bairro de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro.

Gráfico 3 – Conhecimento dos residentes do entorno do ECV



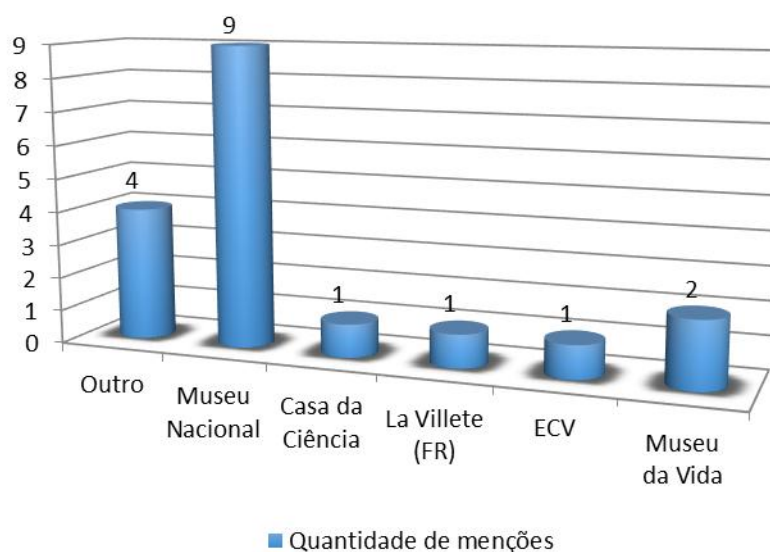
Fonte: Dados do Autor.

Ao questionarmos os sujeitos da pesquisa a respeito dos museus de ciências aos quais já haviam visitado (Gráfico 4), obtivemos a menção de cinco diferentes espaços enquadrados como museus de ciências e mais outros que foram alocados na categoria “outros”. Foram inseridos na categoria “outros” os espaços aos quais não tinham identificação ou não eram considerados museu de ciências. Daqueles que mencionaram algum museu, nove pessoas afirmaram já ter visitado o Museu Nacional, seguido da categoria “outros”, com quatro menções. Apenas uma pessoa afirmou conhecer o ECV, uma pessoa disse conhecer a Casa da Ciência da UFRJ e outra o museu La Villete na França. Onze pessoas não responderam a essa questão e quatro disseram não ter ido a museu algum.

Durante as entrevistas, também perguntamos se eles já tinham ouvido falar de algum museu de ciências, mas que não haviam visitado, e percebemos que afirmavam não se lembrar de nome algum e a maioria disse não ter ouvido falar de nenhum outro.

Ao serem indagados se já tinham visitado ou conheciam o ECV, notamos que 27 pessoas disseram nunca ter visitado o espaço, ao passo que apenas duas afirmaram já tê-lo visitado. Durante as entrevistas, percebemos que a maior parte das pessoas ficava surpresa ao saber que havia um museu de ciências na Tijuca, tão próximo do local onde se encontravam. Muitos salientaram que nunca haviam visitado o museu porque não sabiam que ele estava ali.

Gráfico 4 - Museus que os residentes do entorno do ECV já visitaram. n=18



Fonte: Dados do autor.

Nas entrevistas, percebemos que alguns afirmavam saber onde se localizava o espaço, mas diziam nunca ter visitado, conforme exemplifica a fala abaixo:

“Nossa filha já foi lá, a gente não. Mas eu sei onde é. Passo em frente. Tem um muro pintado bem colorido, não é?” Entrevistado 19. (fala adaptada)

Questionamo-los se gostariam de visitar o museu e o porquê da resposta. Observamos então que 22 entrevistados disseram se interessar em visitar o museu, enquanto cinco disseram não ter interesse e um não respondeu.

Importa destacar que apenas nove das 29 pessoas justificaram a escolha de sua resposta. Apresentamos a seguir algumas dessas respostas:

“Sim. Para aprender coisas novas”. Q 15

“Não. Não sei exatamente do que se trata (pouca divulgação). Q 23

“Não. Não tenho ouvido falar dele” Q 27

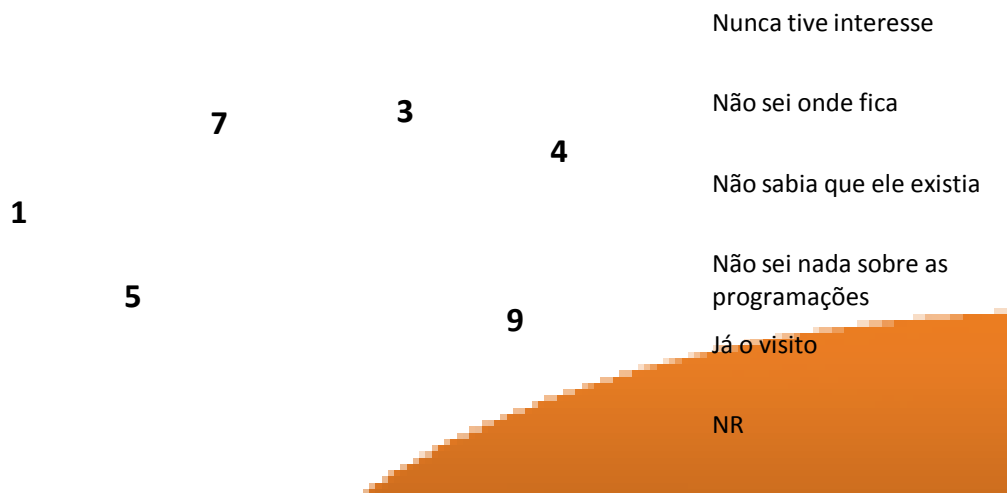
“Sim. É de interesse cultural”. Q 29

Durante a entrevista, percebemos que a principal justificativa para as pessoas não visitarem o museu de ciências era o fato de não terem conhecimento acerca do que o museu poderia oferecer para o público em questão.

Ao questionarmos o porquê de nunca terem visitado o ECV, percebemos que nove participantes não sabiam que o museu existia, seguido de sete pessoas que não responderam a essa questão e cinco afirmaram que nunca obtiveram informações das

programações. Quatro pessoas declararam não saber da localização do museu e três disseram não ter interesse em visitá-lo. (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Motivos pelos quais os residentes do entorno nunca visitaram o ECV – n=29

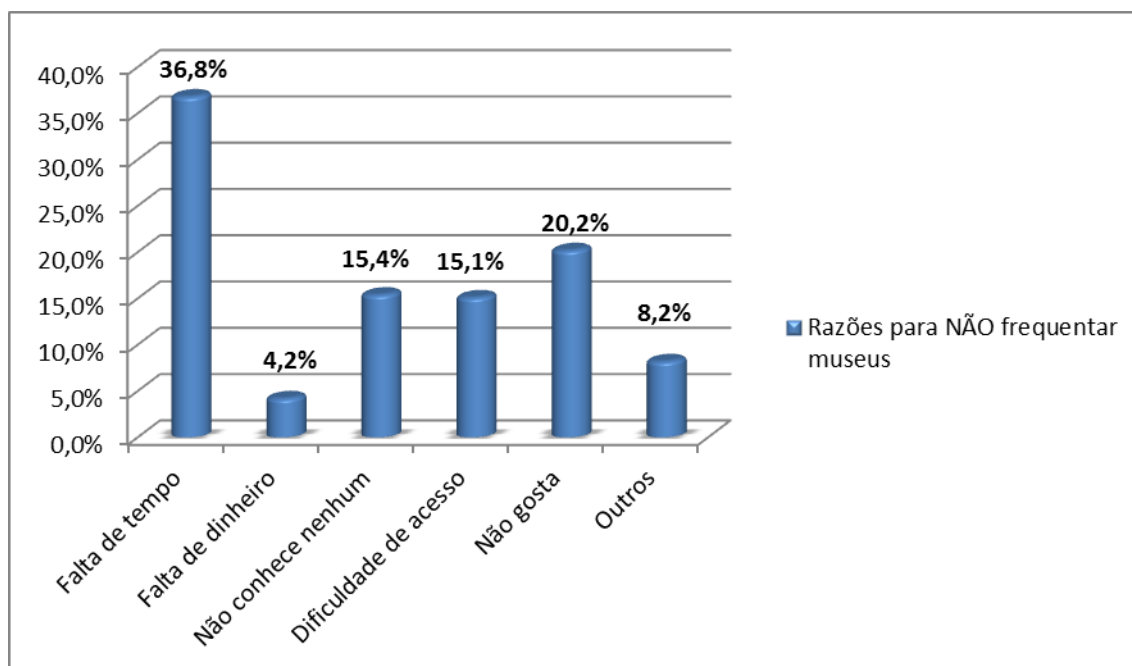


Fonte: Dados do autor.

Durante as entrevistas essas afirmações ficaram mais evidentes, pois as pessoas salientavam a necessidade da ampliação da divulgação dos eventos para que pudessem ter mais acesso aos mesmos. Muitos perguntaram se a divulgação poderia ser ampliada ou mesmo, se poderiam entrar na lista de e-mails do museu para serem sempre avisados dos eventos que porventura viessem acontecer. A maior parte das pessoas interessadas afirmou ter filhos em idade escolar, que adorariam a visita. Muitas das pessoas com crianças que foram abordadas na Praça Saens Peña disseram não levar os filhos por conta da precariedade da divulgação.

Com a análise das respostas, constatamos que esses dados coadunam com os resultados divulgados pela Coordenação de Pesquisa e Inovação Museal (CEPIM, 2012) que realizou uma pesquisa no Distrito Federal com o objetivo de: “[...] apresentar um levantamento estatístico dos motivos indicados pelos indivíduos para a não-frequência aos museus” (CEPIM, 2012, p.02). Na referida pesquisa, ao questionarem os entrevistados que afirmaram não frequentar museus, o porquê de não o fazer, 15% destes informaram que não frequentavam tais espaços museais por desconhecimento (gráfico 6).

Gráfico 6 - Motivos pelos quais os respondentes não frequentam museus.



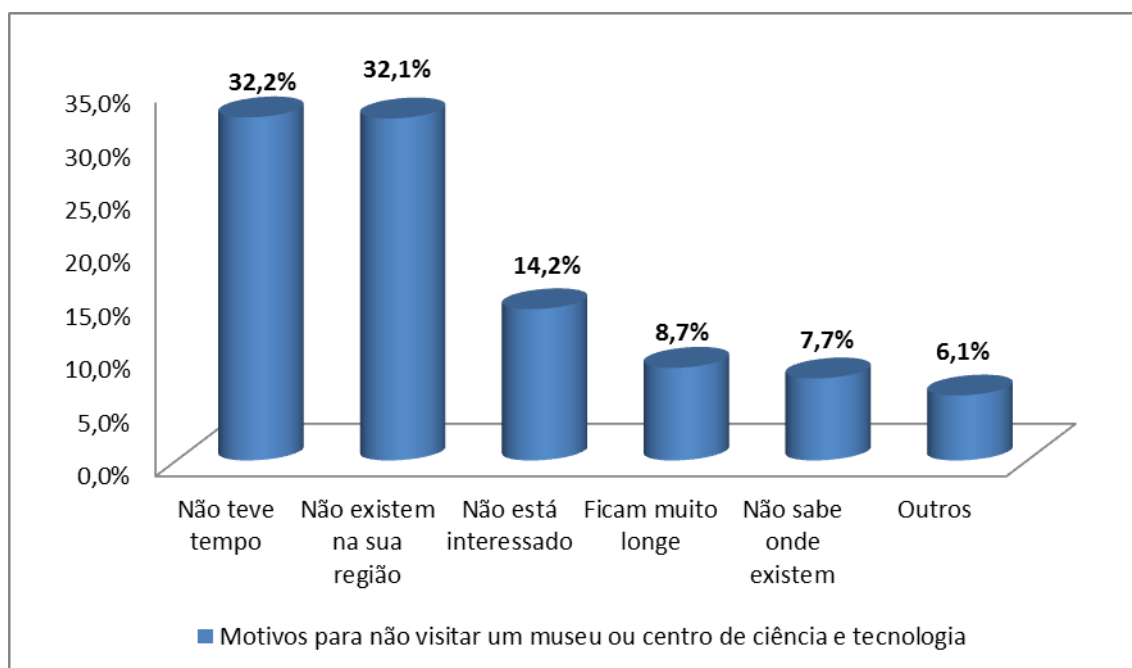
Fonte: Adaptado de CEPIM, 2012, p.15.

Ainda, segundo a pesquisa:

As respostas “não conhece nenhum” e “dificuldade de acesso” aparecem empatadas em terceiro lugar como justificativas para a não frequência a museus. O desconhecer museu pode estar associado com a citada exclusão simbólica, já que o indivíduo desinteressado em museus pouco se importaria em reter ou procurar informações sobre a existência de museus. No entanto, também pode estar relacionada à má divulgação dos museus, ou ao sistema de ensino do Distrito Federal, que não teria conseguido repassar aos alunos em idade escolar quais museus a cidade possui, a fim de que esses se lembrassem da existência de ao menos um deles na fase adulta. Assim, acreditamos que a “falta de divulgação”, argumentação muito levantada pelos entrevistados que não se identificavam plenamente com as opções expostas no questionário, deve ser levada em conta fortemente (CEPIM, 2012, p.16-17).

Outro levantamento que corrobora com os dados desta pesquisa, foi a Pesquisa de “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil” de 2015, realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). O estudo foi realizado com 1962 pessoas maiores de 16 anos em todo o Brasil. Ao realizar a pergunta a respeito dos motivos pelos quais os respondentes não visitavam os museus ou centros de ciências e tecnologia, os autores perceberam que a maior parte das respostas estava relacionada à falta de acesso ou de conhecimento acerca desses espaços do que de interesse em visitá-los, conforme expresso no gráfico 7.

Gráfico 7 – Motivos para não visitar um museu ou centro de ciência e tecnologia.

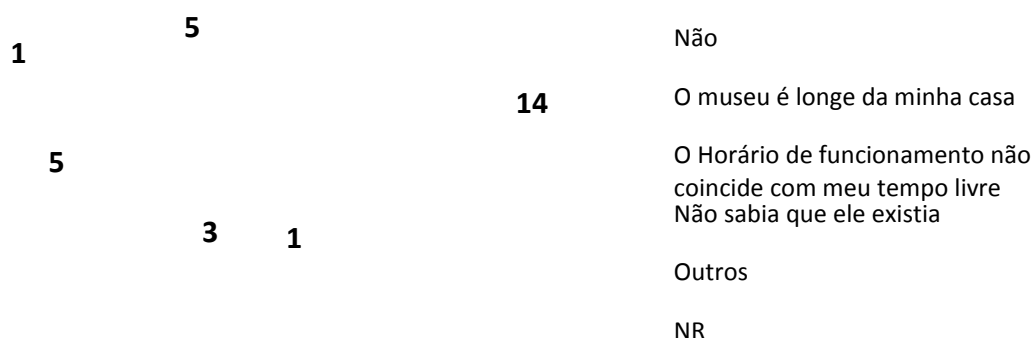


Fonte: Adaptado de: Pesquisa de “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil” (CGEE e MCTI, 2015).

Neste sentido, levando em consideração os dados da nossa pesquisa, uma vez que os participantes afirmaram não saberem onde fica o ECV e/ou demonstraram desconhecimento das programações do museu, podemos inferir que tais justificativas são fortes motivos para a não visita ao espaço museal.

Por fim, ao serem questionados se havia alguma dificuldade para visitar o museu com regularidade (Gráfico 8), obtivemos as seguintes respostas: 14 das 29 pessoas disseram não haver dificuldade para a visita ao espaço, apesar de não visitarem o museu. A categoria “Não sabia que ele existia” apareceu com cinco respostas juntamente com aqueles que não responderam. Novamente, durante as entrevistas, a necessidade de divulgação das atividades foi salientada como um elemento fundamental para a presença dessas pessoas no museu de ciências.

Gráfico 8 - Possíveis dificuldades dos residentes do entorno em visitar o ECV – n=29



Fonte: Dados do autor

Ao final das entrevistas, as pessoas ressaltaram questões que consideram fundamentais para que o museu fosse mais conhecido, dentre os depoimentos, obtivemos respostas como:

“Acho que o museu deveria melhorar bastante a divulgação. Oferecer cursos, como os de línguas, por exemplo. Assim como as Universidades fazem. Eu acho que isso atrairia bastante gente.” Entrevistado 04 (fala adaptada)

“Eu moro e trabalho aqui há muito tempo. Conheço muito bem a Praça [Saens Peña], mas nunca fui lá não. Sei que lá era o antigo galpão do metrô, até já passei em frente, mas nunca entrei. (...) Eu acho que o museu tinha que investir em exposições que atraíssem os avós, que levariam os netos. Exposições com dinossauros.” Entrevistado 11 (fala adaptada)

Essas narrativas demonstraram sobretudo as concepções das pessoas, por vezes equivocadas ou reducionistas, a respeito da função do museu de ciências.

Outro dado que nos chamou a atenção e que foi verificado principalmente através das entrevistas, é que a maior parte dos sujeitos da pesquisa disse que não sabia da existência de um museu ali, mas que já havia passado em frente, já tinha visto o muro (aspecto muito ressaltado entre as pessoas), mas que não sabia que se tratava de um museu. Após a conversa inicial onde apresentamos o que é o ECV, sua filosofia e suas atividades, as pessoas começaram a demonstrar grande interesse em ir ao museu para conhecê-lo e levar os filhos, além de perguntar quando seriam as próximas atividades e de que forma poderiam ir até o espaço. Essas informações demonstram que a falta de

conhecimento é, possivelmente, um dos maiores empecilhos para a não ida dessas pessoas ao ECV.

Após a coleta e análise dos dados, percebemos então que há a necessidade não só da ampliação da divulgação em espaços mais diversos, mas também de ações que possam levar ao público o conhecimento acerca do que são os museus de ciência, para que servem e sobretudo, que são espaços destinados a todos os públicos.

Notamos, portanto, a necessidade de ações que possibilitem cada vez mais a atuação dos museus e centros de ciência, estabelecendo relações e intercâmbio de ideias, com vistas a uma maior democratização científica e cultural, corroborando assim, com a afirmação de Studart (2009,p.115) que aponta para a:

[...] necessidade de uma rede de educação e divulgação científica que inclua maior intercâmbio e parcerias entre a educação formal, não formal e informal para a construção de uma sociedade mais atuante, onde os museus possam ser, cada vez mais, espaços de descoberta e instrumento de diálogo, comunicação e reflexão e formação de atitudes, além de uma valiosa opção de lazer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados coletados, percebemos que os estudos de público são ferramentas essenciais para que o museu possa conhecer não somente aqueles que os visitam, mas também de conhecer seu entorno e as relações que estes têm desenvolvido frente ao espaço museal.

Nota-se em relação ao grupo estudado que, apesar de residirem no entorno, muitas pessoas não têm conhecimento de que o museu está lá. Isso demonstra a necessidade da ampliação da divulgação do espaço, em especial na sua circunvizinhança, com o intuito de que seu entorno possa ser cada vez mais atendido.

Verificamos que parte dos sujeitos da pesquisa afirmou sequer saber o que é um museu de ciências, ao passo que os outros participantes que informaram ter conhecimento desses espaços, mas que não o visitavam, salientaram a necessidade de ações com vistas a divulgar cada vez mais suas ações e propostas, bem como ressaltaram ainda a necessidade de investimentos em estratégias que possam trazer o público até o museu.

Por fim, podemos destacar que os estudos de público desenvolvidos com o intuito de conhecer o perfil do seu “não-público”, mostram-se de extrema importância, pois dão aos museus a possibilidade de não só conhecê-los, mas também de dar voz às suas percepções e necessidades. Dessa maneira, os museus de ciências devem se organizar,

construir suas atividades e realizar ações a partir das demandas apresentadas pelo próprio não-público, com o intuito de transformá-los em público visitante, alcançando cada vez mais aqueles que não têm contato direto com a ciência institucionalizada.

6. REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Divulgação Científica: Educação para a cidadania? **Ci. Inf.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, set./dez, 1996.

BRASIL. **Lei nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências (Art. 28 §2º). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 30 mar. 2016.

CARVALHO, R. M. R. **As transformações da relação museu e público**: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual. 2005, 288p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, 2005.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (Org.). **Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências**. Rio de Janeiro: Editora Access/Faperj, p.83-106, 2003.

CHASSOT, A. **Alfabetização Científica**: questões e desafios para a educação. Coleção Educação em química, 4ª edição, Rio de Janeiro: Editora UNIJUI, 2006.

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO MUSEAL (CPIM). **Relatório final da pesquisa O “não público” dos museus**: levantamento estatístico sobre o “não ir” a museus no Distrito Federal. Departamento de Processos Museais (DEPMUS), Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), setembro de 2012. Disponível em <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/naopublico.pdf>>. Acesso em fevereiro de 2016.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE) e MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO (MCTI). “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil”, 2015. Disponível em: <<http://percepcaocti.cgee.org.br/>> Acesso em 09 de outubro de 2016.

FRENKEL, E. E. **Famílias no museu nacional**. 2012. 179f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, MAST, 2012.

KÖPTCKE, L. S.; PEREIRA, M. R. N. Museus e seus arquivos: em busca de fontes para estudar os públicos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p.809-82. jul.-set. 2010.

KÖPTCKE, L. S. Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. **Museologia & Interdisciplinaridade** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília v.1, nº1, p. 209-235. jan/jul de 2012.

KURTENBACH, E., PERSECHINI, P. M., COUTINHO-SILVA, R. (2004). “Espaço Ciência Viva: ciência e arte desde 1982”, In: Jorge, T. C. A. (org). **Ciência e Arte: encontros e sintonias**. Rio de Janeiro: SENAC, p.146-153. 2004.

LIMA, M. A. D. S.; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. **R. gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v.20, n. esp., p.130-142, 1999.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 30ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. Aspectos Históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, L. MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org). **Ciência e Público**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 43-64, 2002.

PAULA, L. M. **Museu de ciências: lugar do público! Um estudo de caso acerca do público espontâneo que visita um museu de ciências no Rio de Janeiro**. 2013. 91p. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2013.

PEREIRA, G. R.; SOARES, K. C. M.; COUTINHO-SILVA, R. Avaliação do grau de inserção dos museus de ciências na realidade escolar da Baixada Fluminense/RJ. **Revista Ciências & Cognição (UFRJ)**. Rio de Janeiro, v.16: p. 96-112, 2011.

SANT'ANA, D. M. G.; SILVA, V. C.; ARAÚJO, J. R.; TONINATO, J. C. Reações dos Visitantes do Museu Interdisciplinar de Ciências Diante de uma Exposição Biológica. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 6, nº. 2, p. 115-128, jul./dez., 2006.